

Anno \$8.
Semestre 5.
Trimestre 3.
Folha avulsa 25 avos.

Assigna-se no Escriptorio da redacção, Travessa do Governador No. 2.

PARA OS SUBSCRITORES,
Não excedendo de 20 linhas, ..\$1.
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRITORES,
Não excedendo de 10 linhas, ..\$1.
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

MACAU 20 DE JANEIRO

JULES Simon, no seu livro *La liberté*, define com uma notavel precisão os direitos do estado, os quaes, diz elle—nascem unicamente da necessidade social e devem ser strictamente regulados por esta necessidade, de maneira que, á proporção que a necessidade diminue pelo progresso da civilisação, deve o estado diminuir a sua acção propria, deixando mais lugar á liberdade.

Estas verdades, por mal comprehendidas por alguns governos que tem querido governar de *mais*, tem occasionado as revoluções com as suas fataes consequencias.

Para bem comprehendermos os direitos que competem aos governos, citaremos os deveres que lhes são impostos pelos principios da actual sociedade, e servir-nos-hemos das proprias palavras d'um notavel escriptor, o qual fixa esses deveres sob o duplo aspecto politico e economico.

“No systema de liberdade (diz elle) o soberano tem só tres deveres a cumprir; mas tres deveres, na verdade d'uma alta importancia, mas claros, simples e ao alcance d'uma intelligencia ordinaria.

“O primeiro é o dever de deffender a sociedade de qualquer acto de violencia ou d'invasão da parte das outras sociedades independentes.

“O segundo é o dever de proteger, tanto quanto possivel, cada membro da sociedade, contra a injustiça ou oppressão de outro qualquer membro, ou antes é o dever de estabelecer uma administração exacta de justiça.

“E o terceiro—é o dever de fazer e de conservar certas obras publicas e certas instituições que, o interesse particular, ou d'alguns particulares não poderia fazer conservar, porque não lucrariam interesses do capital que empregassem, posto que a sociedade em geral lucre muito mais com essas obras e essas instituições do que o que pode importar o reembolso das despesas que se façam.”

É, portanto, o primeiro e o mais principal dos deveres de qualquer governo o da segurança dos governados; mas, segurança positiva, fixa e inabalavel, para que o individuo e a sociedade tenham a certeza de poder dispôr de suas faculdades physicas e intellectuaes e dos fructos do seu trabalho e da sua industria, porque sem segurança a propriedade é ephemera, a liberdade não existe.

Nesta cidade de Macau onde habitamos, a garantia da segurança é uma importante questão. Os interesses e os individuos que aqui temos a proteger, não são só os portuguezes, são tambem os chinas que vivem entre nós, os quaes pertencendo a um paiz regido pelo arbitrio e prepotencia, vem viver á sombra da nossa bandeira e ao abrigo das nossas leis de tolerancia e liberdade.

Em todos os tempos, nós os portuguezes na China, sempre temos protegido o commercio e a navegação chinesa nas costas da China, mais ou menos distantes desta nossa colonia; e bem relevantes tem sido os serviços que por muitas vezes lhes temos prestado, contra os piratas e a favor das boas ideias de civilisação. Por isso os chinas tem em consideração o nome portuguez, e respeitam a nossa bandeira.

Bastantes factos poderiamos citar, que a historia tem já registado.

Na vida ordinaria e commum, a povos que vivem tanto em contacto, como nós com os chinas—temos-lhes sempre aberto e franquiado as nossas portas e os nossos templos, os nossos livros e os nossos mestres, para os iniciarmos em nossa em civilisação; punindo-os assim com generosidade do seu retrahimento, disconfiança e má vontade contra a raça europeia, que elles não tem cessado d'alcunhar de barbara, apesar de todos os beneficios que lhes temos feito.

Ainda agora lhes demos uma prova mais da nossa boa vontade para com elles, convidando-os a partilhar commosco as diversas distrações, que tiveram lu-

gar por occasião dos festejos pelo nascimento do principe real.

Esta prova mais da nossa cordialidade agradou-lhes sobremaneira, e a proposito e muito judiciosamente, escreveu o nosso estimavel collega do *Daily Press* que a pratica franca e commum dos nossos usos e costumes é o que hade atrahir os chinas para a nossa civilisação.—E é certo.

Os europeus na China tem, na verdade, uma grande missão a cumprir. E Hongkong e Macau, as unicas duas colonias europeas nestas paragens, devem empregar todos os meios rasoaveis de que possam dispôr, para levar os chinas a comprehender a nossa civilisação.

Com os principios que acima expozemos, e que nos não serão contestados, iremos, como consequencia necessaria, applaudir a boa ideia, que teve S. Exa. o Governador desta colonia, de mandar construir um *Gun-boat*, ou canhoneira a vapor, para o serviço costeiro das visinhanças de Macau, afim de proteger contra os piratas que infestam estas costas, o importantissimo commercio de cabotagem, que soffre muito, com um tão mau inimigo ao pé da porta.

As condições com que foi mandado fazer o *Gun-boat*, são as melhores para que elle possa desempenhar as commissões que tem de lhe ser exigidas. E a caza, muito respeitavel, dos snrs. Thom. Hunt & Ca., de Hongkong, tendo sido encarregada da construção e machina do vapor, até ser posto a navegar, dá-nos a sufficiente garantia d'um optimo resultado.

Como já dissemos em outro artigo deste jornal, cremos, que um *Gun-boat* só, não basta, e que feito que seja este, a necessidade ha-de vir reclamar um outro.

Tambem somos d'opinião que, não podemos dispensar o vapor que se mandou fazer a Inglaterra, com destino para esta colonia; pois, tendo elle, como nos escrevem de Lisboa, dimensões de corveta, muito nos convirá para as commissões diplomaticas, e para nos fazer respeitar

CORRESPONDENCIA-FOLHETIM.

Sr. Redactor.

Afouteado pela graciosa carta, do “Antigo assignante do *Echo*,” que se publicou no ultimo numero do seu acreditado jornal, tambem eu me dedicarei de hoje em diante ao folhetim, e espero, Sr. Redactor, que o *Ta-ssi-yang-kuo* guardará todas as semanas um cantinho para as minhas epistolae.

Conheço que tenho em mim algum tanto dos genios de Juvenal e Polichenello, e espero agradar aos leitores, fazendo-os rir, aproveitando, para dar publicidade, tudo que por ahí apparecer digno de gargalhada, que não é pouco. Depois, eu estou mudado; desde que abandonei o *Echo*, papel, que debaide sóa em Hongkong, tenho feito uma extraordinaria differença, e o meu amigo A., que na grammatica, era trunfo, e em philosophia um Catão, disse-me antes de morrer, que eu devia aproveitar a minha intelligencia folhetinista, misoseando o publico com o apparecimento d'uma entidade necessaria, pelo muito que por ahí se deixa passar sem correctivo, e que, bem aproveitado, dará gargalhada bravia. Reconheci que o meu finado amigo A. tinha razão, e vou assim deitar mãos á obra.

Que eu estou outro na boa duvida, e feliz me considero por ter dado ordem ao meu *cule* para guardar o *Echo* para emburruhos.

A leitura d'aquelle hebdomadario corrompe, e estraga tudo quanto se aprende na aula e em casa de nossos paes; e se continúa assim, Sr. Redactor, é impossivel que a Junta de Saude, logo que se entre na estação calmosa, não peça providencias energicas para a prohibição de similhante *facha* neste paiz; se continuarmos a entrar livremente. Os symptoms que hoje já experimentam aquelles que ainda pegam e leem semelhante *rodilha*, agora transformada em *mortalha*, são signaes evidentes da proximidade d'um mal que por enquanto se não manifesta em consequencia da benéfica influencia do vento norte nesta fria monção. Dizem que o *Fesicon* todas as terças-feiras, quando vem de Hongkong, faz a bordo fumações d'alcatrão, e esta precaução é sem duvida tomada por saber que na caixa das cartas se acha aquella *peste*.

Talvez alguém lendo o que acima fica se admire da minha actual linguagem, e queira por isso suppor que não sou o mesmo que me batí contra os que quizeram desacreditar o Imperador Francisco José; para evitar um tal juizo, apresso-me a declarar que sou o mesmo que se rio do astro nome que no fim de 1863 promettia dar noticia dos eclipses de 1864, sou o mesmo, porém regenerado, pois abandonando o que não tinha senso, me entreguei á util leitura de classicos e contemporaneos, para me aperfeiçoar em estilo e linguagem. Desculpem-me este elogio e outros que a mim proprio faça; não é isto novo, e alguém o tem já praticado, por ser moda. E depois não mettí lanças em

Africa, apenas abandonei o *Jogão dos gaitos da rua* (classificação inglesa) para me agarrar á livraria que herdei do falecido amigo A. (Deos lhe dê um pontapé n'alma) para me habilitar a fazer folhetims. Ora, se um certo *Jan-ni-guem*, só por lidar com typos typographicos, e por ter composto, *não sem custo*, nas alheias impressas, algumas vezes, as palavras sciencia e litteratura, se julgou, só por este contacto, um sabio consumado, chegando a declarar em letra redonda, a sua quadrada intelligencia, e romba perspicacia, gritando ás turbas *ego sum qui sum*, não é para espantar que eu me apresente hoje feito folhetinista, com a solemne declaração que não introduzirei nos meus folhetims nem um só termo do *jogão* que usam os litteratos a que alludo.

E meu fito fulminar o *Echo*, e hei de vencer, porque sou teimoso, e a persistencia vence tudo. Quero fazer guerra a esse *paper* maldizente, mentiroso, rancoroso, caluniador, má, e de má fé, e que de *balança na mão*, seu unico barometro, conforme ella se colloca em equilibrio assim manifesta a sua opinião; pasquinheiro d'officio, especie de esquinna, ou muro, onde se prega e escreve tudo que convém! Hei de moel-o com desgostos, descobrir-lhe o rabicho, porque o tem, e atirar-lhe as bolas de algodoão ás chagas d'aquelle corpo cheio d'ellas, embora hoje se envolva em *so-taina*. Que me importa que de pequeno se fizesse grande? Segue-se d'aqui que era *paper*, e que hoje é *paper*! Mas para vergonha de si proprio, lá lhe appareceu o rabicho,

em qualquer porto da China, onde tenhamos alguma reclamação a fazer.

Nesta tão grande distancia como estamos da mãe patria, e attendendo-se ás peculiares circumstancias de Macau, uma estação maritima composta de dois *Gunboats* e uma corveta a vapor, não nos parece de mais, para podermos ter garantida a nossa segurança no meio deste imenso imperio, com usos e costumes tão diferentes dos nossos, e que, se por uma revolução no imperio, ou por qualquer outro motivo, pensarem em querer medir forças connosco, que nos não achem desaperecebidos.

VOLTAMOS hoje á questão dos soldos, de que já por trez vezes temos tratado nesta folha.

Repetiremos que os soldos de parte dos funcionarios publicos em Macau não bastam nem para fazer face ás despesas de cada dia.

Os generos alimenticios estão subindo de preço cada vez mais, e d'aqui a pouco tornar-se-hão inacessíveis a essa parte de empregados a que nos referimos, se acaso lhes não melhorarem os vencimentos actuaes.

Mas esta questão de vencimentos já ha muito deveria estar decidida. Passa de um anno, que a metropole tomou a iniciativa neste negocio, considerando, por muitas razões justas que apresentou, o alcance da necessidade de serem melhorados os vencimentos dos servidores do estado nestas paragens. E haverá proximamente um anno que o Exmo. Governador desta colonia informou, a exigencias da mesma metropole, que o augmento dos soldos era altamente justo e necessario, ligando outras considerações de muita importancia a esta questão.

Ora, se nesse tempo se soffria já muito, por effeito da caristia que aqui havia, é claro que hoje, quando essa caristia tem augmentado consideravelmente, se soffre muito mais, tornando-se quasi impossivel a alimentação da existencia.

Fallamos assim, porque são necessidades estas, que todos vêem, sentem e reconhecem.

O illustrado e justo ministro da marinha e ultramar não pôde ter esquecido este negocio de tamanho alcance para a regularidade desta colonia. Se acaso appareceu algum empecilho a embarçar a sua prompta solução, S. Exa. com aquelle saber e energia que o acompanham em todos os seus actos, vencerá por certo todo e qualquer obstaculo, para

chegar a um fim tão reclamado pela mais imperiosa necessidade.

E por tanto urgente e momentoso que o illustre deputado por esta colonia active por todos os meios ao seu dispor este negocio, de modo que possa ter uma prompta solução.

Nós confiamos no Exmo. Mattos Correia, o qual tantas provas tem dado de que toma verdadeiramente a peito os interesses desta colonia, que não se poupará a esforços para a realisação do justo augmento de soldos aos funcionarios publicos em Macau.

Pedimos mesmo a S. Exa. em nome das mais urgentes e momentosas necessidades desta terra, que se digne empregar todo o seu valimento, como representante deste povo, e estrenuo advogado de sua causa, para que por uma vez se conceda este indispensavel melhoramento de soldos, que tão justo foi considerado nas estações competentes da metropole.

Este povo admira a sollicitude, assiduidade e dedicacão, com que o seu illustre representante nas côrtes da nação portugueza advoga os interesses de Macau; e por isso confia tambem em S. Exa. de que obterá se determine promptamente o augmento de 50 por cento nos vencimentos dos officiaes militares, e empregados civis nesta cidade, não só pela devida justiça aos proprios individuos, mas para que, continuando-se a fazer o serviço com amor e com vontade, continue a merecer o bom conceito e consideração dos estrangeiros a honrosa bandeira portugueza nestas paragens longiquas, á face do grande imperio da China, e dos nossos antigos alliados inglezes.

Se o sr. Mattos Correia podesse ver de perto os enormes sacrificios, que os homens uteis precisam de fazer para viverem aqui, em consequencia de não constituirem os seus soldos nem talvez a metade do que lhes é necessario dispendir para conservacão da vida; o sr. Mattos Correia, homem que sabe pensar e sentir, faria até os maiores esforços para obviar aos grandes inconvenientes que desta desgraçada situação podem resultar para a colonia. Mas como S. Exa. está longe, sirva a imprensa da localidade de o pôr ao facto, ainda que genericamente, destas terriveis circumstancias.

Na verdade, hoje que o Exmo. Governador está promovendo ao mesmo tempo importantes melhoramentos materiaes, e um grandioso desenvolvimento moral no estado da colonia; é pena, opprime mesmo o coração, que o objeto da maior transcendencia, o estabelecimento de

um bastante soldo para os funcionarios publicos, que lhe garanta a vida e as forças, que carecem para o bom desempenho do serviço de que se acham encarregados, não se tenha já posto em pratica, e ainda haja morosidade em sua final decisão.

Comtudo pôde ser que á hora em que estamos traçando estas linhas, já o objecto de que nos occupamos esteja resolvido em Lisboa.

Folgariamos muito com isso, exultando tambem de não termos que voltar a este assumpto, senão para exaltar a justiça, que agora reclamamos.

JAPÃO.

PELOS jornaes de Kanagawa, que temos á vista, e que chegam a 30 de dezembro ultimo, sobemos do grande incendio que teve lugar em Yedo, na residencia do Taicun, chamada pelos nativos, em razão da sua magnificencia, *Gohommaro*. Este acontecimento parece ser um indicio claro de hostilidade contra o Taicun, principalmente pelas circumstancias que o acompanham. O incendio foi causado pela polvora e esta destramente distribuida a fim de consumir em poucas horas e reduzir a cinzas todas as habitações existentes dentro d'aquelle espaço muralhado, chamado o palacio do Taicun, ou mais conhecido pelo "castello de Yedo."

A vida do Taicun esteve em perigo, e graves suspeitas recaem em *Hitots'bashi* de ser autor de semelhante attentado.

Um acontecimento desta ordem, o segundo que se dá de semelhante natureza, em pouco mais d'um anno, a repetição de tantas outras tentativas incendiarias, quasi todas com exito, por parte dos *Loungis*, a presença de grandes turbas de *Ronnis* na capital do Japão, além dos disturbios interiores, e revolta nas montanhas de *Yanado*, leva-nos a crer que o estado politico do Japão não é bom, e ainda que ao presente elle se não pronuncia claramente contrario aos estrangeiros, Deos sabe onde as cousas irão no futuro. Não agouraremos bem, a não ser que as forças europeas de terra e mar, que se esperam, causem na traiceira politica deste paiz um completo reviramento.

A opposição contra o Taicun é manifesta, e o procedimento do proprio governo é para nós bastante duvidoso. O commercio que pelas ultimas noticias parecia querer levantar-se e florescer, apresenta-se agora fraco e declinando.

As lojas dos nativos em Yedo fecham-se, e diz-se que por ameaças que lhe tem sido feitas por causa de commerciareem com os estrangeiros. Falla-se tambem em perseguições, d'outra ordem, feitas aos negociantes indigenas, e não são reputados destituídos de verdade os boatos que transpiram de haverem muitos sido assassinados. Attribue-se tudo aos *Ronnis*, e até a presença delles nas cidades principaes do Japão serve para desculpar a timidez, e a falta de energia que o governo apresenta, não reprimindo os seus vexames.

Depois do incendio do castello do Taicun, affirmase, que ordens foram dadas aos negociantes de madeiras para as não venderem mais aos estrangeiros, e aos obreiros para não lhes construírem mais casas, até que o palacio queimado seja reconstruido.

Este procedimento da parte do governo desgostou a todos, e não é favoravel ás boas intenções de amizade que o governo japonex pretende inculcar.

Não ha duvida, ao que parece, que uma nova embaixada partirá para as cortes da Europa e Ameri-

ca a transformar-se, castigo do seu *Regedor supremo*, por se ter aleccionado religioso! Religioso aquillo!... elle, que ainda hontem á porta da igreja apedrejava os bons padres Italianos, cuspido-lhe injurias de cima da mesa dos typos, onde se fez grande! Oh! minha querida Religião, que oração tão desatinado te deram cá no extremo oriente; que ideia se fará de tuas divinas e santas leis, vendo-te representada por um galiao, que esconde as pedras na capa de asperges com que se revestiu.

Contarei agora um caso, que durante a vida me contou o amigo A, de philosophica memoria. Um padre francez, catechisava um chine em Hongkong, e por elle entrar na sua igreja dava-lhe 150 sapecas por dia; uma vez, passando á porta da igreja protestante viu lá dentro o dito chine com muita attenção, esperou que elle sahesse, para lhe perguntar porque estava ali; o chine respondeu que era por lhe darem 200 sapecas, isto é, mais 50 sapecas do que lhe dava o padre francez: ora vão lá ficar-se em chinas que se fazem christãos!! E por isso, e por outras coisas que em me rio do novo titulo com que o *reges da rua* (classificação ingleza) se apresenta neste anno bixesto que começou á sexta-feira!...

Desculpem-me os leitores estas digressões; eu vou já terminá-las por hoje, indicando em primeiro logar o meu programma, e fazendo a minha apresentação, visto que a moda assim o exige.

O folhetinista, sem ser magro, não é gordó, deste modo

não é barrigudo, o que sem duvida, alem do ser commodo, será de agrado para os que gritam contra os *individuos de barriga grande*. É de estatura regular, e tem vista de bom alcance, estima a verdade, e gosta do rir. É amigo de bailes, de theatros, piqueniques, &c., e a té dos bons jantares, aos quaes jámas falta, ainda mesmo sabendo dello no proprio dia, quanto mais na vespera, não lhe acontecendo assim ser obrigado a fazer declarações chatas, como certos papalvos deste mundo que não assistiram aos que opirosos se deram por terem delles recebido aviso com 24 horas de antecedencia! O folhetinista quer que os seus leitores riam, e não de rir, emborá lhe seja preciso ir remechar mais de cinco volumes de ineptias que por ali andam escriptos em lingua peor que a *bunda* para vergonha das letras lusas, e desencantar nelle s, *esquadriões suecos* e *d'outras potencias fundiadas no porto de Carlscrom*, e outras que taes quejandas, que *vingam a verdade* d'aquelles que chamam a seu auctor a nata da esturpidez, e o alcool dos parvos.

O folhetinista ha-de fallar de modas, festas, e pôde ser que dos sermões, visto que a quar esma se aproxima, procurando fazer rir a todos, torna do-se acerrimo *Cabreiro dos religiosos fingidos*, e dos politicos sem gravata. Se talhar carapuças quem quizer que as accomode a cachimota, na certeza de que o folhetinista não lhas encaxa.

O que o folhetinista mais tem em mira é evitar que certos patuscos, possam ainda enganar incautos, embutindo-

lhes, pelas patacas que lhes apanham, pilulas venenosas e pestifentas. Sejam serios e decentes, se não querem ser metidos a ridiculo.

Macao, 18 de janeiro de 1864.

Z.

P. S.—Tambem quero levar rabixo.

O ultimo numero do JORNAL RELIGIOSO, alem de varias tolices que continua a dizer para vingança da verdade e do senso commum, blasphema dos santos sacramentos da nossa augusta religião, mettendo a ridiculo um casamento e um baptisado que tiveram lugar em Hongkong, e até zomba dos repiques, com que por esta occasião a Igreja celebrou uma destas ceremonias; e, como se tudo isto não bastasse, denomina *ninchecos* os dignos padrinhos que, no exercicio da sua respeitavel missão, assistiram como testemunhas indispensaveis á celebração d'aquelles actos divinos.

Desenganem-se os que o levaram a adoptar a sua nova epigrapha quem pouco elle a merece, ou pode sustentá-la.

Quod natura dat nemo negare potest, diz o meu mestre—riffio que eu sempre traduzi do seguinte modo: quem mente, calumnia, diffama, e até blasphema, não é para que se lhe chame religioso, e mais tarde ou mais cedo lá vem a desmentir o elogio.

Para este bastaram poucos dias.

Tenho dito.

